

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2483

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUINTA FEIRA, 6 DE JANEIRO DE 1927

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL

O final de um escândalo prevê-se com prejuízo grave para as vítimas das "forças vivas"

As reuniões da Associação Comercial continuam, embora já tenha passado a sua fase mais pitoresca, a oferecer aos consumidores um espectáculo cheio de sensação. Os oradores, na sua maioria cotados assambardadores e riquíssimos comerciantes nascidos durante a guerra, prosseguem atirando punhados de lama à cara uns dos outros.

Os lobos desaviam-se e disputam entre si quem arrancou com mais êxito, isto é, com maior lucro. Mas a questão fundamental, a que neste momento mais os ocupa embora não o deixem transparecer claramente, é a dos negócios que estão entre mãos.

O *Século* caiu, graças às desonestas habilidades e a processos dignos de presidiários, nas mãos dum famoso e restrito grupinho de ambiciosos, no qual se destaca pelo seu feito impulsivo e pela sua audácia grosseira o sr. Pereira da Rosa. Este grupinho, depois de ter alcançado a sua autonomia abandonando a União dos Interesses Económicos, resolveu favorecer somente os negócios dos seus amigos e deitar abaixo os dos outros, desde que eles não sirvam os seus interesses ou não caiam, por qualquer razão, no seu agrado.

Os homens da Moagem e os dos açúcares coloniais queriam à viva força que o *Século* defendesse a má qualidade do pão e o aumento de preço deste último género alimentício. Os da Moagem estribavam-se no contrato a que Pereira da Rosa não deu cumprimento e segundo o qual se comprometia a fazer de cego perante as gatunices e os latrocinios dos que roubam o pão ao povo; os dos açúcares não tinham uma razão tão forte, mas entendiam que o facto do *Século* ser órgão da União dos Interesses Económicos constituía razão suficiente para lhes não estragarem o negócio — negócio que consistia, é claro, num exorbitante aumento do preço do açúcar. O *Século* em vez de defender a Moagem atacou-a e em lugar de defender os açúcares coloniais defendeu os interesses dos importadores de açúcares, que lhes são antagónicos.

Dai o rastilho que inflamou as assembleias das eméritas "forças... do olho vivo".

Em torno destes negócios havia grandes e famosos escândalos, escândalos que são já triviais nesta sociedade corrompida à força de proliferarem com êxito crescente e impunidade certíssima. A comprometer o mênor das "forças vivas" Pereira da Rosa surgiu a acusação verdadeira dele ter, por intermédio do *Século*, defendido o regime proteccionista para os superfatos quando o tinha combatido para os açúcares. Ou comem todos ou se só como o sr. Alfredo da Silva tem que haver moralidade... É claro que isso é impossível. Em primeiro lugar o sr. Alfredo da Silva, uma das figuras mais sinistras da finança internacional, já *comeu*; em segundo os dos açúcares coloniais tantas voltas não deu dar que *comerão* também e o final da peça será fatalmente aquilo que já de princípio nós antevíamos: o povo consumidor será o único *comido*, isto é, o único que continuará sendo explorado e roubado.

As pessoas que se inclinam para o optimismo não de ficar felizes, não de sentir-se radiantes com o fecho da vergonhosa e ignóbil questão que há tempos se vem arrastando, com tão grande espalhamento, na Associação Comercial.

O sr. Pereira da Rosa será proclamado um íncito homem de bem e todas as suas trampolínices, todas as suas habilidades desonestas serão consideradas como actos dignos, merecedores, senão de entusiásticos louvores, pelo menos dum voto que lhe permitirá continuar a ser o «honrado» comerciante da nossa praça e o «intemerato» orientador da opinião pública por meio do *Século* que ele comprou com o dinheiro dos outros. Os outros por sua vez não farão mais ruído em volta do caso, porque o dinheiro que perderam foi arrancado à bôisa dos trabalhadores. E serão os trabalhadores quem pagará a «generosidade» deles para com Pereira da Rosa, visto que nasceram para ser roubados, isto é, para trabalharem e rebentarem de fome e de miséria.

MOVIMENTO OPERARIO INTERNACIONAL

Os falsos aspectos de uma estatística atrabiliária

No quarto aniversário da A. I. T. foi publicada uma estatística dos operários que se agrupam nas diversas tendências do movimento operário internacional. Os dados contidos na estatística referentes ao movimento sindicalista são inexactos na sua maior parte e desfiguram os aspectos do mesmo movimento. Por isso, consideramos que a estatística não pode ficar sem uma resposta.

Não nos custa a acreditar que o documento tenha sido elaborado sem má intenção. Sabemos que muito difícil se torna conseguir números exactos acerca do movimento operário internacional. Essa dificuldade mais aguda se verifica no movimento anarcosindicalista daqueles países em que, apesar de predominar um espírito revolucionário modelar, são muito precárias as possibilidades de estatística.

E' doloroso confessá-lo, mas, também, acrescentemos que a influência de um número relativamente pequeno de organizações no movimento operário libertário dos países latinos é muito superior à que pudesse exercer igual número no movimento reformista dos países germânicos. Não se tem em conta, perante os números meramente mecânicos, o sentido que eles encerram e as fundamentais diferenças de carácter de cada povo.

Se as estatísticas referidas provam que, no período que vai de dezembro de 1921 a dezembro de 1924, as organizações experimentaram um aumento de filiados relativamente mais elevado do que o das restantes tendências, é forçoso reconhecer que foi quando o movimento sindical ganhou maior expansão nos países latinos e hoje se encontram neles entronizada a mais negra das reacções.

A título de demonstração bastará citar a Espanha e a Itália. Se na Alemanha e na Inglaterra, países em que os sindicatos de Amsterdão são numericamente mais fortes, existisse uma reacção tão furiosa que aniquilasse, até o fim, as organizações, o quadro apresentar-se-ia muito diverso e mais favorável à F. S. I.

Soubemos sempre manter-nos afastados do tom unilateral e orgulhoso dos reformistas, tanto como do odioso e desleal carácter dos bolchevistas, sabermos conservar no futuro o nível exigido pela dignidade do movimento operário.

Porisso, queremos cingir-nos à demonstração das inexactidões que se contêm na estatística, sem nos alongarmos a averiguar se se trata de levianidades dissidiasas ou erros premeditados, visto que o mesmo se dá o resultado em qualquer dos casos.

A primeira coluna da estatística tem ao alto o título *Federação Sindical Internacional* (Amsterdão). Para o fim, entre os seus

aderentes, figura o México com um total de 750.000 filiados. Não sabemos agora que organização mexicana que tenha aderido ou esteja aderente à F. S. I. A. C. R. O. M., até hoje, não se juntou à Internacional em Amsterdão e tampouco se deve referir à C. G. T., pois esta, em 1924, contava 200.000 aderentes, aproximadamente.

Interessar-nos-ia também saber porque se atribui à C. G. T. mexicana o total de 16.000 aderentes. De igual forma se antolha difícil responder-nos onde se informaram os elaboradores da estatística acerca de 15.000 filiados atribuídos à I. S. V. no Chile. Trata-se, certamente, de qualquer das famosas criaturas de Moscú com que os bolchevistas pretendem deslumbrar o proletariado internacional.

O que também estranhámos, sobretudo, é que a F. S. I. conte na América três milhões de filiados, apesar de não se incluírem nos seus aderentes a Federação Americana de Trabalho.

Os poucos exemplos que arrancámos à mencionada estatística bastam para demonstrar que os dados nela contidos andam muito longe da verdade. Não se pode chegar a uma séria conclusão, e isso faz maior erro da F. S. I.

Sobre a base dum estatística tão inexacta se pretende formar o cálculo em que a organização sindicalista revolucionária perderia, nos três referidos anos, 62,4 por cento dos seus efectivos. A perda de filiados na F. S. I. é calculada em 21 por cento, enquanto que os sindicatos comunistas acusam um aumento de 264.845 filiados, ou seja 3,7 por cento.

A maestria dos bolchevistas no manejo das cifras é sobejamente conhecida.

O total de filiados na organização sindicalista revolucionária é, segundo a célebre estatística, de 471.438, o da comunista ascende a 7.250.000, dos quais 6.500.000 pertencem à Rússia, e o da reformista alcança a soma de 17.750.000.

Os números, que por si pouco representam, dão uma falsa noção do movimento comunista, desde que os componentes de sindicatos não são avaliados de igual forma que em referência aos sindicatos de outros países.

Também na Alemanha se vêem os trabalhadores frequentemente obrigados a pertencer às organizações reformistas e, por conseguinte, tampouco se torna rigorosamente exacto o quadro que a estatística oferece.

Depois do que fica exposto, julgamos ter provado que sobre a base de falsas estatísticas não se pode fundar uma teoria de progresso ou regresso das diversas tendências do movimento operário. (*Serviço de Imprensa da A. I. T.*)

A grande convulsão chinesa

Uma batalha em frente de Xangai

XANGAI, 5.—Está desde ontem à tarde travada uma batalha nos arredores de Xangai a qual deve decidir não só a sorte desta cidade como de todo o sul da China. A ofensiva foi tomada, em Fayang, pelo general anti-bolchevista Sun-Chuan Fang. Os efectivos dos dois exércitos são aproximados. (L.)

Os ingleses escurraçados

XANGAI, 5.—A agência oficial japonesa rectifica o telegrama anunciando que os ingleses em Hankow foram expulsos da concessão britânica, e precisa que os chineses fecharam somente alguns armazéns britânicos, escurraçando os seus ocupantes. (H.)

A vingança não se demora

XANGAI, 5.—Dizem de Hankow que depois dos incidentes de segunda-feira se realizou uma conferência com as autoridades chinesas e os comandantes das forças britânicas para estudar as medidas necessárias à manutenção da ordem. Como solução conciliatória, as forças navais britânicas retiraram por bordo dos navios de guerra fundeados no Yang-Tse, comprometendo-se as autoridades chinesas a evitar as provocações dos coolies. (L.)

Os japoneses não se mexem

TÓQUIO, 5.—O ministro dos negócios estrangeiros, ao receber ontem o embaixador britânico, declarou que o Japão se abstinha de se anunciar ao «memorandum» da Inglaterra sobre a China, mas que respeitava o tratado de Washington. (L.)

Uma concessão que cessou

XANGAI, 5.—As últimas notícias de Hankow dão ocupada pelos chineses a concessão britânica ali existente, tendo os seus possuidores sido expulsos violentamente. (L.)

Nada de mútuas contemporizações

PEQUIM, 5.—Grupos numerosos de chineses extremistas invadiram várias concessões estrangeiras perto de Yang Kong provocando conflitos e determinando a intervenção enérgica dos marinheiros ingleses. (L.)

Navios ingleses para a refrega

HONG KONG, 5.—Os cruzadores ingleses «Vindictive» e «Carlisle», e o «destroyer» «Vichart» partiram com destino a Hankow. (H.)

O fogo não tem o culto dos mortos

VENEZA, 5.—Um incêndio destruiu parcialmente o palácio dos príncipes da igreja, onde estava armada a câmara ardente do almirante Canavaro. O fêretro pôde ser transportado a tempo para o vestibulo. O sinistro foi originado pelas velas que ladeavam a urna e que comunicaram o fogo às tapeçarias próximas. O palácio era um dos mais belos tesouros arquitectoriais de Veneza. (L.)

Notas & Comentários

A Kachgar todos vão

Talvez para dominar a falta de assunto, um jornal da noite lembrou-se de publicar as delícias de Kachgar, que é, assim, um lugar onde há tudo. Andando a imprensa, curvada, sem vontade própria, em ânsia por uma novidade, a descoberta do fecundo lugar é uma solução. Para servir o paladar dos abencerrages da imprensa, os jornalistas tiram-se de agonia pedindo licença para se ausentar — para encontrar uma maneira de encher colunas sem necessidade de assunto.

Identificados

Disse-se algures que o Arquivo de Identificação apurou uma receita de 200 contos. O bilhete de identidade tem sido a parte mais rendosa. E' caso para nos julgarmos identificados enquanto os duzentos contos se vão arquivando nos cofres do Estado, onde há ainda muitas vagas...

Concurso singular

Os americanos sempre foram de um exotismo engraçado. O que a eles não lembra, não ocorre aos europeus. Um jornal americano vem de realizar um inquérito original entre todas as escolas do mundo para escolher as dez grandes figuras da história que melhores serviços prestaram à humanidade. Foi o seguinte o resultado dessa escolha: Luls Pasteur, Abraham Lincoln, Cristóvão Colombo, George Washington, Benjamin Franklin, Wordon Walm, Florence Wightlingot, Jeanne d'Arc, Socrates, Gutenberg, David Livingotour, George Stephenson.

Pasteur, o sábio francês, foi classificado o primeiro benfeitor da humanidade. Ainda havemos de assistir a um inquérito sobre o país mais original, não restando dúvidas sobre quem cairá o prêmio.

O choque é terreno liso?

VIENA, 5.—O engenheiro Joret Drach anuncia ter descoberto um meio de evitar os choques de comboios pela sua paragem automática desde que encontrem qualquer obstáculo na sua marcha. (L.)

A revolução na Nicaragua

Um quartel atacado

MEXICO, 5.—Na cidade de Lion, estado de Yanojuat, os quartéis das tropas de guarnição foram atacados por 200 rebeldes. Repellidos os assaltantes voltaram de novo a atacar os soldados, sendo estes dispersos a tiro. Foram executados depois do assalto 11 habitantes de Lion, dos quais 6 pessoas de certa representação. (L.)

O dólar é soberano

WASHINGTON, 5.—Coolidge afirma que os Estados Unidos têm o maior direito de compra na América do Sul pelos 600.000 dólares despendidos na continuação do canal através da Nicaragua e pelo estabelecimento da base naval em Fonseca Bay. (L.)

Interdependência do privilégio económico e político

Para que o homem seja livre na terra livre, é, pois, necessário começar por atacar o edificio de mentiras dos dominantes pela propaganda e acção incessantes das minorias conscientes, conjugadas com as agitações e descontentamentos das massas, para chegar emfim a destruir ao mesmo tempo a coacção económica e a política. Uma não pode viver sem e outra; e se após uma revolução, encontramos tal qual uma delas, é porque a outra só mudou de nome ou de feição.

Se, porventura, subsistisse o senhor das coisas, este em breve se rodearia de guardas e cointeressados; e o mesmo faria o detentor do poder político, que persistisse sob, o pretexto de defesa dos interesses comuns: trataria de se amparar numa classe privilegiada, distribuindo pelos apangados as funções mais leves ou mais bem remuneradas, criando de qualquer forma uma burocracia ociosa e parasitária. O farão, que isenta os padres (e certamente os guerreiros), dá o exemplo clássico.

Os egípcios deviam ter comunicado os celeiros, terras e gados e organizado o trabalho por conta de todos, por meio de associações produtoras. E se os modernos não querem continuar a vegetar na servidão e na carestia — terreno onde floresce a riqueza dos assambardadores — não têm outro caminho a seguir.

Eis porque queremos a socialização dos meios de produzir, da terra e dos instrumentos de trabalho. Queremos que a riqueza social, fruto comum indelétrico do labor manual e intelectual das gerações passadas e presentes, comum venha a ser na sua aplicação. Noutros termos, trabalhamos pela abolição da propriedade particular, pela extinção do monopólio do *capital* — e dizendo *capital*, queremos aqui significar, não o dinheiro, mas as verdadeiras utilidades, os meios de produção, que devem ser postos à disposição de todos. Tão monstruoso regime vive e prospera sobre a limitação da produção, que seja normalmente determinada pela restrição das possibilidades de consumir, vício orgânico do sistema do salário, que seja provocada pelas grandes crises de miséria e carestia, tão favoráveis ao enriquecimento dum minoria.

Eis também porque reclamamos a supressão da instituição governamental, pela socialização do poder político. Isto é, queremos substituir a actual organização política autoritária por uma organização política anarquista, que parta do indivíduo para a sociedade, associando-se livremente os indivíduos, federando-se livremente os grupos. Queremos a organização baseada sobre a cooperação voluntária, adaptando-se plasticamente às múltiplas necessidades humanas.

Os empreendimentos úteis

Radiotelegrafia entre dois continentes

LONDRES, 5.—O director geral dos correios espera que a abertura do serviço público rádio-telefónico entre Londres e New York possa realizar-se na próxima sexta-feira pelas 13 e 45. O serviço será feito entre as treze e trinta e as deztoito horas (tempo de Greenwich), sendo os períodos de conversação limitados a 12 minutos e ao preço de 60 £ (sessenta libras). Dentro em breve o serviço será tornado extensivo a toda a Inglaterra e possivelmente aos países do continente europeu, ligados a Londres por linhas terrestres e submarinas. Os subscritores poderão fazer de suas casas as chamadas para New York, cujas ligações serão feitas pelas suas respectivas estações. Foi hoje igualmente anunciada a conclusão do cabo submarino telefónico ligando directamente a Inglaterra à Alemanha. (L.)

O moderno caminho para a Índia

LONDRES, 5.—Os dois pequenos aviões equipados com motores de 90 cavalos e pilotados pelos pilotos amadores Stack e Leete têm feito consideráveis progressos na sua viagem para a Índia. Os dois aparelhos chegaram ontem a Beneis-Abbas, partindo depois para Irak. Durante o percurso já realizado os dois pilotos realizaram duas notáveis travessias marítimas, de 250 milhas cada uma, estabelecendo vários «records» para aparelhos de pequena potência. (L.)

Uma estrada infundavel

VASHINGTON, 5.—O congresso aprovou uma moção propondo a constituição dum gigantesca estrada para automóveis, que, partindo do Canadá atravesse os Estados Unidos, o México, a América Central e vá terminar na América do Sul. (L.)

A REACÇÃO BURGUESA

Três homens perseguidos e difamados

PARIS, 5.—A Associação Republicana dos Estudantes Esquerdistas lançou um manifesto protestando contra a intenção do governo de conceder a extradição a 3 inocentes, a quem espera uma morte atroz. Na próxima 2.ª feira realiza-se uma grande reunião de protesto. O ministro da Argentina declarou a propósito, não se tratar de 3 inocentes nem tão pouco de libertários, mas sim, de ladrões e assassinos. No entanto aquele diplomata afirma poderem todos ter confiança na justiça argentina, que não condenará sem provas evidentes! (L.)

Vinte e três mil desempregados!

PARIS, 5.—As últimas estatísticas oficiais acusam 13.000 desempregados em Paris e 10.000 nas províncias. Os trabalhos previstos devem ocupar 75.000 pessoas (L.)

A CIDADE DOS DESMORONAMENTOS

As derrocadas sucedem-se e os "gaioleiros", seguros da impunidade, continuam na sua miserável obra

Mais um prédio desmoronado, resultando da sua queda graves ferimentos e grandes prejuízos materiais.

Quando o inverno se aproximava nós previmos esta calamidade. Sabíamos em que condições foram erguidas as edificações novas de Lisboa, não nos restando dúvida da sua breve queda.

Residir "nessas gaiolas" dos bairros novos é de arrôjo. Habitar essas casas que balouçam ao sopro rijo do vento, é bastante perigoso.

Mas essas edificações não caem apenas quando venta ou chove. Desmoronam-se mesmo quando a brisa é leve, quando não há pronúncios de tempestade.

Ontem o dia se não fosse a fria temperatura seria de primavera. Nem ventania, nem chuva.

E todavia o prédio do largo do Rego desfez-se como castelo de cartas. A sua construção é deficiente, não havendo a esperar outro resultado.

E' o que há-de suceder a outros prédios de que mais de uma vez temos feito menção.

Na rua Maria Pia existe um prédio em completo estado de ruína. Já duas vistorias emitiram a opinião de que esse prédio, o número 509, devia ser desabitado visto tornar-se perigosa a permanência ali de qualquer pessoa.

No entanto o senhorio ainda não foi obrigado a fazer obras. Não foi e parece-nos que não será sem que o prédio caia e os moradores morram.

Se amanhã esta "gaiola" ruir não faltará quem venha alegar que o acontecimento é da responsabilidade do inverno, como se

das más construções se podesse responsabilizar o inverno.

Na rua Braancamp, ao Campo Pequeno, na rua Marquês Sá da Bandeira e em outros lugares há gente residindo em prédios por acabar que não oferecem as necessárias condições de segurança.

E' verdade que essa gente mora ali por não ter outra parte onde residir. E' verdade que esses infelizes acotam-se ali em virtude da falta de habitações.

Mas quem garante que aquela gente está livre de perigo? Quem nos assegura que os moradores daqueles cacifos não ficarão amanhã nos escombros?

O prédio do largo do Rêgo que ontem abateu encontrava-se nesse estado. Os «inquilinos» depois da derrocada terão que instalar-se noutras habitações.

E se as edificações que se encontram no mesmo estado amanhã ruírem? Não terão que procurar vida aqueles que nelas residem?

Das construções já disseram tudo os organismos sindicais da Construção Civil. O sistema de parede a talpa e o emprêgo de materiais impróprios são dois elementos causadores dessas péssimas construções.

A falta de aturada fiscalização é, senão o principal, um dos principais motivos do abuso dos gaioleiros.

E aliado a estes inconvenientes, a falta de escavapulos com que se passa ao primeiro cavaleiro o *brevet* de mestre de obras completa o numero de elementos que formam a grande causa dos desmoronamentos da cidade.

Até quando será assim?

A AUTONOMIA DA ASSOCIAÇÃO

Miguel Bakunine deixou, quando morreu em 1876, vários manuscritos inéditos e entre os quais figurava o que vamos inserir, escrito quatro anos antes, desconhecendo-se os motivos por que o seu autor não o remetiera ao periódico a que se destinava. Só em 1868 conseguiu a luz da publicidade em *Le Revolté*, de Genebra, jornal de Krapotkine e Reclus.

Transcrevemo-lo de *La Revista Blanca* para conhecimento dos leitores de *A Bata-lha* e por ser de actualidade:

«LUCURNO, 7 de Janeiro de 1872.—*Companheiros redactores*:—Vivendo numa região afastada de todos os centros de publicidade, não chegara até hoje ao meu conhecimento um *suelto* publicado no *Volksstaat*, órgão do partido da democracia alemã, que recebe suas inspirações de Londres, *suelto* que unicamente lhe ajustarei a classificação de infame.

Começo por declarar que estimo muito sinceramente os seus tendências proletárias e pelos serviços reais que tem prestado e presta à causa do proletariado na Alemanha. As suas teorias socialistas e políticas são, verdade seja, opostas às que o vosso periódico representa e com as quais me encontro identificado.

O *Volksstaat* é órgão dessa escola alemã de comunistas autoritários, da qual é seu chefe reconhecido um grande escritor socialista, o ilustre Marx, que sonha com a emancipação do proletariado por meio do Estado. Vós, pelo contrário, creis que um novo Estado por muito popular que fosse só podia proporcionar ao proletariado novas cadeias; que o Estado significa dominação, e que onde existe a dominação há dominados que, em virtude dum lei sociológica, se convertem em explorados e, por consequência, o Estado implica exploração e escravatura.

Não a quereis vós e por isso adoptais francamente o programa que nos levou a nossa grande Comuna de Paris: a abolição do Estado e a reorganização da sociedade de alto a baixo por meio da livre federação das associações operárias e comunas, sobre a tripe base da igualdade, do trabalho e de tudo o que constitui o grande capital comanditário da produção agrícola, artista, comercial e científica, não deixando à propriedade individual mais do que aqueles objectos que sirvam realmente para o uso pessoal.

Como inimigos declarados do princípio teológico, metafísico, político e jurídico da autoridade, não reconhecemos mais que as necessidades sociais dum lado, e a mais ampla liberdade humana de outro, nem outro conselheiro que a ciência experimental e positiva, livremente aceita. Para o estabelecimento de uma perfeita harmonia entre essas diversas tendências dos grupos nacionais, regionais e locais e uma verdadeira unidade na sociedade, reportai-vos absolutamente a essa lei natural da humanidade, de que a história não é, por assim dizer, senão a manifestação e a realização cada vez mais completa. E estais certamente convencidos que todos os esforços que se têm feito até aqui por homens engenhosos e potentes — mas mal inspirados — para impor a harmonia à sociedade de alto a baixo, por via da autoridade, seja ela divina ou humana, não têm conseguido mais que retardar o seu triunfo.

Naturalmente, isso os põe, em oposição com os teóricos do comunismo autoritário e com o seu órgão o *Volksstaat* e eu acho lógico que essa diferença de apreciação se reproduza na maneira diferente com que os dois partidos opostos consideram a organização actual da Internacional.

Não compreendendo uns que a unidade possa existir sem a autoridade, nem que subsista uma forte organização de forças sociais sem governo director, quiseram converter a Internacional numa espécie de Estado imenso, que obedecesse a um pensamento oficial, representado por um poder central solidamente estabelecido.

Os outros, nós, anti-autoritários, cremos, ao contrário, que a introdução de semelhante disciplina na Internacional, longe de aumentar sua força, a debilitaria e mataria infalivelmente, sufocando na sua crígem o pensamento livre e espontâneo do proletariado, tornando impossível o desenvolvimento ulterior desta grande Associação que deve emancipar o mundo.

Acreditamos que a unidade, a força real, o pensamento da Internacional não residem em cima, mas só em baixo; não no Conselho geral transformado em governo, mas na autonomia de todas as secções e na sua federação livre; que teve a sua base única na verdadeira identidade da situação económica e política dos instintos e das aspirações actuais do proletariado de todos os países civilizados, e que todos os pensamentos socialistas que surjam no seio da Internacional não são verdadeiros e fecundos, mas sendo a sua fiel e livre expressão.

Por consequência, rebatemos as resoluções de uma conferência que, arbitrariamente convocada e arbitrariamente composta, tentou transformar o Conselho Geral numa espécie de papa colectivo, cujas palavras, pronunciadas *ex-cathedra*, tomariam o carácter de dogmas de lei.

Dois tendências tão diametralmente opostas deviam necessariamente chocar-se. Assim, depois do Congresso de Basileia, onde pela primeira vez se encontraram, estalou necessariamente a luta. ¿Este facto foi um mal? De modo nenhum. A vida é um combate incessante; unicamente não lutam os mortos.

Notai, companheiros redactores, que aqueles que predicam a paz a todo o custo, a imolação a uma união *aparente* e que lançam suas maldições sobre o que chamam a «guerra civil», são sempre os *moderados*, os homens a quem lhes faltam energia, convicção e fé.

Esses são, precisamente, os que perdem todas as causas. Não tem sido eles que, predicando ao proletariado de França a união com a burguesia ante o inimigo comum — os prussianos — permitiram que os burgueses entregassem a França aos mesmos prussianos? Uma boa guerra civil franca, aberta, vale mais, mil vezes mais, que uma paz podre. Por sua vez, esta paz só pode ser aparente; debaixo da sua enganosa égide, a guerra continua e, impedida de desenvolver-se livremente, toma um carácter de intriga.

A guerra franca e aberta é uma demonstração de força e vida, e quando a Sociedade é jovem e vigorosa, como incontestavelmente é a nossa bela Associação Internacional, aumenta sua força e sua vida, no entanto se a guerra surda, íntima, a corrol, por pouco que dure concluirá por arruiná-la. Assim, pois, uma luta franca como já apontei, só pode ter efeitos benéficos para a Internacional, atendendo que contribue necessariamente para o desenvolvimento do seu pensamento sem causar o menor prejuízo a essa solidiez efectiva, porque esta solidariedade não é teórica, mas prática, e não se trata aqui de uma luta de interesses mas somente de ideias.

Seria acarinhar uma singular ilusão, esperar que se possa estabelecer hoje uma perfeita solidariedade teórica entre todas as secções da Internacional. Tem existido, por acaso, esta solidariedade no mundo? Ela nunca se pôde realizar nem mesmo no seio da igreja católica que blasona tanto da sua unidade! ¿Como queis que milhões de trabalhadores nascidos em tão diferentes

Porque somos comunistas e anarquistas

Somos, socialistas ou comunistas, e anarquistas.

Como socialistas ou comunistas, atacamos o instituto da propriedade privada e a moral que o tem por base. No monopólio da riqueza produzida por todos, sem que a parte de cada um possa ser rigorosamente determinada, na apropriação individual da terra, dos meios de produção e de comunicação, bem como dos produtos, vemos nós a origem principal da miséria e do aviltamento da grande maioria, da insegurança e inquietação de todos.

Sujeito à escravidão do salário, o trabalhador, recebendo em troca do seu labor uma pequena parte do que produz, vê muito limitada a sua possibilidade de consumo, não pode comprar. A produção é, então, igualmente limitada, pois que não se produz para satisfazer as necessidades de todos, mas para vender. Sucede mesmo este absurdo: quando, graças à desorganização da produção, esta se torna por um momento superior às possibilidades de compra (não às necessidades reais), a crise lança na rua milhares de obreiros; com a desocupação, é ainda menor a possibilidade de consumir, de comprar; e assim a miséria é maior quando há... excesso de produção!

Não se produz para todos, e, no entanto, não faltam as matérias primas, as máquinas, as terras e os braços desocupados.

A solução que defendemos é a seguinte: destruir esse terrível direito de vida e de morte que tem o proprietário, senhor dos meios de produção, sobre o trabalhador, desprovido de tudo. Como? Socializando, isto é, colocando à disposição de todos a terra, os instrumentos de trabalho, os meios de comunicação, as matérias primas, tudo posto em acção por todos e em proveito de todos. Queremos uma sociedade que tenha por fim assegurar a cada um o seu desenvolvimento integral; uma sociedade em que o trabalho, atendendo à satisfação das necessidades dos indivíduos, seja escolhido por cada um e organizado pelos próprios trabalhadores.

Tomamos o nome de anarquistas ou libertários, porque somos inimigos do Estado, isto é, do conjunto de instituições políticas que têm por fim impor os seus interesses e a sua vontade, mascarada ou não com a vontade popular.

O Governo (poder executivo, legislativo e judicial), sob o pretexto de cuidar dos interesses gerais, não faz mais do que defender a classe economicamente forte que o ampara e o escolhe.

A sua justiça é uma justiça burguesa: o juiz só condena o fraco, o pobre; só com este o carcereiro é rigoroso. A sua polícia é a guarda do cofre forte. Os seus patrulheiros são os seus guardas e os grandes exportadores. Os seus serviços públicos são especialmente para os ricos e servem, sobretudo, para gratificar amigos e defensores. Uma boa parte do imposto — pago pelos produtores: os trabalhadores — destina-se ao governo à sua própria defesa, à conservação do poder da sua confraria, comprando cúmplices, dispensando empregos, sinecursas e subsídios.

Classe privilegiada éle próprio, no caso de subsistir depois de suprimida a classe burguesa, a necessidade de conservação o levaria a restabelecer o privilégio, para criar um partido seu, interessado em o sustentar. Emprega uma boa parte das forças sociais em se defender, em reprimir os protestos e revoltas, em reprimir as iniciativas, não cedendo liberdades senão a contra-gosto, quando quer salvar o principal, ou quando os governados as tomam e usam sem pedir licença; e nada produz, nem promove, partindo a iniciativa do progresso dos indivíduos, que usam da liberdade que o governo não pode sufocar.

Proclamando-se, a pesar de tudo indispensável, induz os indivíduos a esperarem tudo da lei, da Providência-Estado, abandonando a iniciativa e a associação livre.

Somos, pois, anarquistas, porque queremos uma sociedade sem governo, uma organização livre, indo do indivíduo ao grupo, do grupo à federação e à confederação, com desprezo de barreiras e fronteiras, sendo a associação baseada sobre o livre acordo e naturalmente determinada e regulada pelas necessidades, aptidões, ideias e sentimentos dos indivíduos. É para nós essa a organização política correspondente ao socialismo: a anarquia é o vaso que pode conter e garantir a igualdade de condições económicas.

Três atropelamentos

Apanhado por um camião

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço foi pensado e recolheu a casa, Manuel Ribeiro dos Santos, de 28 anos, natural de Ferreira do Zêzere, canalizador e residente na rua João de Barros, 4, 3.º esq., que, em Santa Apolónia, foi atropelado por um camião, ficando contuso no tórax e ferido no braço esquerdo.

Atropelada por um automóvel

No Banco do Hospital de S. José, recebeu curativo e foi para casa, Ana da Conceição, de 29 anos, residente na rua Nova da Piedade, 2.º andar, que, na rua da Escola Politécnica, foi atropelada por um automóvel, ficando ferida na cabeça.

Colhido por um tirante

No Banco do Hospital de S. José, também foi pensado e seguiu depois para casa, João Novo Jorge, de 45 anos, natural de Montalegre, carroceiro, morador na rua Saravia de Carvalho, 332, páteo Rodrigues, porta 7, que, foi colhido por um tirante da carroça que era condutor, ficando ferido no braço esquerdo.

Atingido por forte corrente

Ontem, à tarde, no lugar do Cesteiro, próximo da Cruz Quebrada, quando o servente na Companhia do Gás e Electricidade António Ribeiro, de 30 anos, residente na rua Costa Pinto, 8, em Paço de Arcos, procedia ao desligamento num "punho" colocado num poste à altura de uns 4 metros, foi atingido por uma corrente de alta tensão, caindo do poste e ficando ficado quicado no braço esquerdo e com várias contusões pelo corpo. Transportado ao Hospital de S. José, foi ali pensado seguindo depois para casa.

Navegação em Timor

Segundo comunicação do governador de Timor, sabe-se que foram isentos do pagamento do imposto de tonelagem as embarcações de longo curso e as de grande cabotagem que toquem no porto de Díli, a fim de aumentar o tráfego marítimo no referido porto.

CAMBIOS		
Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94875
Madrid cheque		3504
Paris, cheque		578
Suiza, cheque		3678,5
Bruxelas cheque		2574
New-York, cheque		19560
Amsterdão, cheque		7584
Itália, cheque		388,5
Brasil, cheque		2532
Praga, cheque		558,5
Suécia, cheque		5524
Austria, cheque		2577
Berlim, cheque		4567

TEATROS		
Nacional	— A's 21. — <i>Frei Luís de Sousa</i>	
São Luís	— A's 21. — <i>O Príncipe Orloff</i>	
Ginásio	— A's 21.30. — <i>O caso do dia</i>	
Trindade	— A's 21.15. — <i>A Garçonne</i>	
Politeama	— A's 21. — <i>Gatunos</i>	
Avenida	— A's 21.30. — <i>O Pá de salsa</i>	
Apolo	— A's 20.30 e 22.30. — <i>A Mouraria</i>	
Eden	— A's 20.45 e 22.45. — <i>Cabaz de Morangos</i>	
Variedades	— A's 20.30 e 22.30. — <i>Fruta Verde</i>	
Maria Vitória	— 20.30 e 22.30. — <i>Sempre fixe</i>	
Coliseu	— A's 21. — <i>Manon</i>	
Salão Foz	— A's 15 e às 20.30. — <i>Variedades</i>	
Joaquim de Almeida	— A's 21. — <i>Variedades</i>	

CINEMAS		
Tivoli	— Avenida da Liberdade — <i>Olimpia</i>	
Central	— Praça dos Restauradores — <i>Chado Terrasse</i>	
Cardoso	— Cinema Condes — <i>Avenida da Liberdade</i>	
Francisco Sanches	— <i>Salão Ideal</i> — Rua do Loreto	
Eden Cinema	— Rua do Alvaro (Alcântara) — <i>Cine Paris</i>	
Ferreira Borges	— <i>Alhambra</i> — Parque Mayer (Variedades)	
Mayer	— (Variedades) — <i>Salão Lisboa</i> (Mouraria)	
Cine-Esperança	— (Rua da Esperança) — Domingos, terças, quintas e sábados, às 20.30, animatográfico	
Salão da Promotora	— A's 20 horas	

Menstruação
Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o **FERREOL**
Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00.
Envia-se pelo correio à cobrança.
FARMACIA CUNHA
R. da Escola Politécnica 15 e 18 LISBOA

SECCÃO DE LITURGIA DE "A BATALHA"

PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

Organização Social Sindicalista	3\$00
Antonielli — A Rússia bolchevista	2\$00
Cura Merlier — A razão dum padre	5\$00
Dufour — O sindicalismo e a próxima revolução (2 volumes)	3\$00
Emilio Bossi — Cristo nunca existiu	6\$00
Geo Williams — Relatório dos delegados do I. W. W. ao congresso da I. S. V. de Moscovo	1\$00
Gustavo de Bon	
As primeiras consequências da guerra	8\$00
Ensaios psicológicos da guerra europeia	8\$00
Leis psicológicas da evolução dos povos (enc.)	6\$00
Guyau — Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção	5\$00
Educação e Hereditariedade	4\$00
Hamon	
A conferência da paz e a sua obra	5\$00
Ações da guerra mundial	8\$00
O movimento operário da Grã-Bretanha	5\$00
Psicologia do socialista-anarquista	5\$00
A crise do Socialismo	5\$00
A psicologia do militar profissional	5\$00
Henrique Leone — O Sindicalismo	4\$00
Heliodoro Salgado	
O culto da Imaculada	3\$00
Jean Grave	
A sociedade futura	5\$00
O indivíduo e a sociedade	4\$00
Joseph J. Ettor — Unionismo industrial	3\$00
Julio Gusso — A lei dos salários	5\$00
Justus Ebert — Os I. W. W. na teoria e na prática	3\$00
Kropotkin	
Anarquismo, sua filosofia e seu ideal	1\$50
A Grande Revolução (2 vol.)	10\$00
A moral anarquista	5\$00
Os bastiões da Guerra	3\$00
O Estado e o seu papel histórico	1\$50
Lazarus — A Liberdade	5\$00
N. Lénine — Os problemas do poder dos Soviets	1\$50
O Estado e a Revolução	4\$00
Landauer — A Social Democracia na Alemanha	5\$00
Manuel Ribeiro — Na linha de fogo	3\$00
Marx — O Capital	5\$00
Melchior Inchofer — Monarquia jesuítica	3\$00
Nietzsche	
Anti-Cristo	4\$00
Genealogia da moral	4\$00
Neno Vasco — Ao Trabalhador Rural	5\$00
Concepção Anarquista do Socialismo	3\$00
A greve dos inquilinos	1\$00
Novicow — A emancipação da mulher	4\$00
Pataut e Pouget — Como fazer a revolução	4\$00
Perfeito de Carvalho — Notas e comentários	1\$50
Sebastião Faure — Doze provás da inexistência de Deus	1\$50
Tomás da Fonseca — Sermões da Montanha	12\$00

Amatrua, sua filosofia e seu ideal	1\$50
A Grande Revolução (2 vol.)	10\$00
A moral anarquista	5\$00
Os bastiões da Guerra	3\$00
O Estado e o seu papel histórico	1\$50
Lazarus — A Liberdade	5\$00
N. Lénine — Os problemas do poder dos Soviets	1\$50
O Estado e a Revolução	4\$00
Landauer — A Social Democracia na Alemanha	5\$00
Manuel Ribeiro — Na linha de fogo	3\$00
Marx — O Capital	5\$00
Melchior Inchofer — Monarquia jesuítica	3\$00
Nietzsche	
Anti-Cristo	4\$00
Genealogia da moral	4\$00
Neno Vasco — Ao Trabalhador Rural	5\$00
Concepção Anarquista do Socialismo	3\$00
A greve dos inquilinos	1\$00
Novicow — A emancipação da mulher	4\$00
Pataut e Pouget — Como fazer a revolução	4\$00
Perfeito de Carvalho — Notas e comentários	1\$50
Sebastião Faure — Doze provás da inexistência de Deus	1\$50
Tomás da Fonseca — Sermões da Montanha	12\$00

Amatrua, sua filosofia e seu ideal	1\$50
A Grande Revolução (2 vol.)	10\$00
A moral anarquista	5\$00
Os bastiões da Guerra	3\$00
O Estado e o seu papel histórico	1\$50
Lazarus — A Liberdade	5\$00
N. Lénine — Os problemas do poder dos Soviets	1\$50
O Estado e a Revolução	4\$00
Landauer — A Social Democracia na Alemanha	5\$00
Manuel Ribeiro — Na linha de fogo	3\$00
Marx — O Capital	5\$00
Melchior Inchofer — Monarquia jesuítica	3\$00
Nietzsche	
Anti-Cristo	4\$00
Genealogia da moral	4\$00
Neno Vasco — Ao Trabalhador Rural	5\$00
Concepção Anarquista do Socialismo	3\$00
A greve dos inquilinos	1\$00
Novicow — A emancipação da mulher	4\$00
Pataut e Pouget — Como fazer a revolução	4\$00
Perfeito de Carvalho — Notas e comentários	1\$50
Sebastião Faure — Doze provás da inexistência de Deus	1\$50
Tomás da Fonseca — Sermões da Montanha	12\$00

Horário de trabalho

As disposições legais
A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 3.316, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, em seu artigo 1.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 2.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 3.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 4.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 5.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 6.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 7.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 8.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 9.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 10.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 11.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 12.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 13.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 14.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 15.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 16.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 17.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 18.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 19.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 20.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 21.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 22.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 23.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 24.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 25.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 26.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 27.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 28.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 29.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 30.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 31.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 32.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 33.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 34.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 35.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 36.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 37.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 38.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 39.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 40.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 41.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 42.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 43.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 44.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 45.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 46.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 47.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 48.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 49.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 50.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 51.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 52.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 53.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 54.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 55.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 56.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 57.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 58.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 59.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 60.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 61.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 62.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 63.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 64.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 65.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 66.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 67.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 68.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 69.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 70.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 71.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 72.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 73.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 74.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 75.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 76.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 77.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 78.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 79.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 80.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 81.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 82.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 83.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 84.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 85.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 86.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 87.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 88.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 89.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 90.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 91.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 92.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 93.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 94.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 95.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 96.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 97.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 98.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 99.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 100.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 101.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 102.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 103.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 104.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 105.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 106.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 107.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 108.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 109.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 110.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 111.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 112.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 113.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 114.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 115.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 116.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 117.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 118.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 119.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 120.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 121.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 122.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 123.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 124.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 125.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 126.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 127.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 128.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 129.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 130.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 131.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 132.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 133.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 134.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 135.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 136.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 137.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 138.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 139.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 140.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 141.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 142.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 143.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 144.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 145.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 146.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 147.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 148.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 149.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 150.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 151.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 152.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 153.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 154.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 155.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 156.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 157.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 158.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 159.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 160.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 161.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 162.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 163.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 164.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 165.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 166.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 167.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 168.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 169.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 170.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 171.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 172.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 173.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 174.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 175.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 176.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 177.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 178.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 179.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 180.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 181.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 182.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 183.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 184.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 185.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 186.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 187.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 188.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 189.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 190.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 191.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 192.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 193.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 194.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 195.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 196.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 197.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 198.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 199.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 200.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 201.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 202.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 203.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 204.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 205.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 206.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 207.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 208.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 209.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 210.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 211.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 212.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 213.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 214.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 215.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 216.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 217.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 218.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 219.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 220.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 221.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 222.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 223.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 224.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 225.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 226.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 227.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 228.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 229.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 230.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 231.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 232.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 233.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 234.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 235.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 236.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 237.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 238.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 239.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 240.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 241.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 242.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 243.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 244.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 245.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 246.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 247.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 248.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 249.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 250.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 251.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 252.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 253.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 254.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 255.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 256.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 257.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 258.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 259.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 260.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 261.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 262.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 263.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 264.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 265.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 266.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 267.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 268.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 269.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 270.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 271.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 272.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 273.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 274.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 275.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 276.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 277.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 278.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 279.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 280.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 281.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 282.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 283.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 284.º, alínea 1.ª, e no seu artigo 285.º, alínea 1.ª,



A solidariedade, factor de liberdade

Em busca do conceito positivo de liberdade, definido com a maior nitidez possível, cremos poder deixar de lado a questão do livre arbítrio e do determinismo. Os deterministas negam a liberdade volitiva, isto é, a vontade independente de motivos, com o poder absoluto de se determinar a si própria; para eles, tal liberdade não existe, sendo a vontade um produto do meio cósmico, individual e social, uma resultante do ambiente em que actua. Os livre-arbitristas, pelo contrário, afirmam essa liberdade, admitindo, porém (como faz o advogado italiano Luis Lala, numa crítica a Il Tramonto del diritto penale), admitindo, porém, que algumas vezes a autonomia da vontade pode, pelo concurso de factores externos ou internos, ficar parcial ou totalmente paralisada.

Logo, a vontade pode encontrar, na sua realização, obstáculos insuperáveis — admitem-no os próprios livre-arbitristas — anulando a liberdade no terreno dos factos, nas suas relações com o ambiente social, com o mundo exterior.

O que nos importa, pois, é estudar esses obstáculos e os meios de os evitar. A questão reduz-se a definir a manifestação exterior da liberdade, para os livre-arbitristas; para os deterministas, a única liberdade existente — a liberdade de agir, ou noutros termos, a possibilidade de realizar a vontade. Pouco importa, para o nosso caso, que a vontade seja ou não determinada.

«Ora, donde podem vir os obstáculos à realização da vontade?»

Os das forças naturais, físicas, ou do mundo social, das forças humanas.

A liberdade afirma-se primeiramente como positiva: é o produto dum conflito sobre o ambiente, o resultado dum luta contra as forças exteriores. E logo surge a associação, a coordenação de forças, como factor de liberdade. A cooperação de esforços, actuando contra as forças físicas e sociais hostis, vencendo maiores resistências, aumenta a soma de possibilidades e bem-estar, isto é, de liberdades, de cada uma das partes associadas. E se a solidariedade se desse entre todos os seres humanos, a luta seria como alvo único o triunfo sobre a natureza bruta. As forças conscientes, antes divididas, agora unidas, obteriam vantagens bem mais apreciáveis que as mesquinhas vitórias dum guerra fratricida, da qual saem amaldiçoados os vencedores mais debilitados que os vencidos.

Realizada, pela cooperação voluntária (voluntária e não obrigatória, pois a coacção seria a continuação da luta), a harmonia entre as forças humanas, a liberdade seria uma afirmação positiva unicamente contra as forças inconscientes da natureza; sob o ponto de vista social, ela seria apenas negativa, o não-emprego da violência, abstenção aliás fácil, se foram tirados aos homens os meios de constringer a vontade alheia, se foi destruído o monopólio da força e da riqueza.

De dois modos gerais pode um homem ser constringido ou violentado por uma vontade alheia: ou directamente, pelo emprego da força (violência); ou indirectamente, pela detenção ou monopólio dos meios e condições de vida — terras, instrumentos de trabalho, produtos. Há ainda outra espécie de coacção, exercida sobre a inteligência, quer directamente, pelo engano e a mentira, quer indirectamente, pelo monopólio do saber e da instrução, dos meios de propaganda, de comunicação e de educação.

No mundo actual, dividido em classes sociais, a violência indirecta ou económica é sistematicamente exercida pela minoria que detém, apoiada na força bruta e no engano, assim como na ignorância das massas, os meios de produzir e as riquezas acumuladas pelo labor indestrutível das gerações humanas. Armada desse monopólio, pode a classe detentora ou capitalista explorar largamente o trabalho das massas, reduzindo-as à miséria, restringindo-lhes as possibilidades de consumo. E por outro lado pode limitar a produção, para rarefazer e encarecer o produto.

A violência directa ou política é sistematicamente exercida pelo Estado, pelas instituições governamentais, com as suas engrenagens essenciais — a força armada, a magistratura e o carcereiro. Essa organização tem por fim garantir o monopólio capitalista, sem descuidar os seus interesses próprios.

O poder económico-político das classes dominantes assenta igualmente na ignorância, desorganização e apatia das massas, em cujo seio é recrutado o baixo pessoal da defesa capitalista, instrumento inconsciente da escravização da sua própria classe. Para manter este estado de coisas, os dominadores têm o monopólio efectivo dos meios de comunicação, de divulgação e de ensino, e servem-se deles para fazer história a seu modo, para desorientar os povos com mentiras e notícias falsas ou unilaterais, para criar uma moral e uma opinião favoráveis aos seus interesses de classe, para só distribuir ao povo migalhas de saber deturpado, para fincar nos cérebros, desde a infância, a força de marteladas, os dogmas interessados, as doutrinas de obediência e passividade — religião, patriotismo, ciência oficial.

Orgão específico desta função conservadora foi principalmente o sacerdócio de todas as Igrejas. E hoje também esse outro sacerdócio, o do dogma oficial, e sobretudo o da grande imprensa, a serviço dos potentados da finança e da política.

A guerra europeia e mais ainda o esforço solidário das burguesias para esmagar a revolução proletária, iniciada na Rússia mostraram-nos em plena acção todos aqueles organismos de violência e de engano, operando — cada vez mais facilmente, é certo — sobre o vasto campo da inconsciência das massas exploradas, cuja apatia, no entanto, a grande convulsão veio sacudir energicamente.

Uma escola destruída

WASHINGTON, 5. — Uma explosão seguida de incêndio destruiu, próximo de Baltimore, a Escola Francesa Richelieu, cujos alunos nada sofreram. — (L.)

Um expresso fora de si

BUCAREST, 5. — O expresso Bucarest-Constança descarrilou próximo de Triana. O número de vítimas é muito elevado. — (L.)

As doutrinas cristãs condenam o operariado à servidão perpétua

Abstraindo do que realmente fez o corpo de creanças do Cristianismo, encaçamos por um pouco apenas a sua moral, negativamente a sua obra mais duradoura, já que, depois sobretudo da crítica prouhoniana, não podemos dizer a mais meritoria. Está longe, realmente, de ser perfeita a moral evangélica, a pesar de que, de longe a longe, lá transparece inteira toda a candura da grande alma de Jesus. O amor; eis a base do seu código. E a Justiça?...

«Não façam a outros o que não quiseram que fizessem».

«Ama o teu próximo como a ti mesmo».

«Perdoai os vossos inimigos».

«Meti a espada na bainha; porque aquele que ferir com a espada, pela espada morrerá».

«Sede mansos e humildes do coração».

«Aprendei que misericórdia quero e não sacrifício».

«Amai até os vossos inimigos».

Tais são os preceitos que continuamente escapam da sua boca. Infelizmente, porém, levando muito longe os seus princípios, ele, como todos os entusiastas, caiu em excessos deploráveis. Do amor caiu na abnegação, e da abnegação na passividade absoluta.

«Não resistais ao mau». Mas isto, meu Jesus! será o triunfo pleno do Despotismo. Este princípio quer dizer socialmente:

a) a submissão plena aos arbítrios do poder;

b) a resignação com as prepotências praticadas pelas classes dirigentes sobre as classes dirigidas;

c) a negação do direito de insurreição, implicando, consequentemente, a negação do progresso social, filho do poder evolutivo da ideia, mas sempre traduzido em facto por meio da insurreição.

«Se vos forcarem a dar mil passos carregado, dai dois mil». Percebeis, operários, que trabalhai desde o alvorecer até muito depois do sol se pôr, para enriquecerdes com o vosso trabalho, com o vosso suor amargo de cada hora, o vosso explorador de cada dia; percebeis o que isto significa?

a) a negação do direito ao trabalho;

b) o predomínio capitalista, gerando dum lado um excesso de miséria e de privações;

c) a negação do direito à greve, às colheitas, às associações de classe;

d) a renúncia a todo o melhoramento nas condições económicas do proletariado, que, porquanto carregado que esteja, deve ainda desejar carga maior?...

«Quando vos baterem na face esquerda, apresentai a direita».

Governantes! poderosos do mundo! ricos, dominadores! aqui nos tendes! estamos cheios de fome, exaustos de cansaço, queimados pela febre, devorados pela sede, roídos, frios, moribundos: vá, nobres senhores! espancal-nos, golpeai-nos, calcai-nos às patas dos vossos cavalos, fuzilai-nos, arcautei-nos! não sofreremos tudo com resignação, e, já feridos de morte, arrastar-nos-emos ignominiosamente na areia, debaixo do camarote imperial, para ali pronunciarmos servilmente o: «Nós que vamos morrer te saldamos, ó César glorioso omnipotente!».

E, todavia, este herói dissera um dia:

«O servo não é mais que seu senhor, nem este mais do que aquele».

Mas, crente na vida eterna, crente no reino de Deus, a igualdade em que nos falava o filho de Maria era uma igualdade ilusória, uma igualdade além da campa. Só perante Deus é que o manto dos reis e dos pontífices era nivelado com os andrajes do miserável.

Daqui o erro de se dizer que o Cristianismo quebrou as algemas da servidão. Não; ao escravo da antiguidade, ao salariado de hoje, aconselhava ele a resignação no sofrimento; ao cativo, a submissão ao vencedor. Vós deveis submeter-vos. Quanto maior for

a infâmia deste mundo mais glorioso o triunfo do reino do eterno Pai, onde só os méritos do homem são pesados e não o seu nascimento.

E foi assim que, longe de ser um elemento de progresso, o Cristianismo foi um travão à Revolução por causa dessa imperfeita noção da igualdade.

Não obstante, depois da morte do fundador do Evangelho, os seus discípulos espalharam-se pelo império romano, e toda a multidão de escravos e de desgraçados acorreu a abraçar-se ao símbolo da religião nova. Até ao século II nunca este espírito de paz e de concórdia, de tolerância e de amor, «que faz a glória do Cristianismo primitivo, abandonou a Igreja. Volvido um século, no império romano, fundas modificações haviam tido lugar. Os bárbaros do norte haviam-se precipitado sobre o vasto edifício imperial, e vencedores das raças eslavas, pela corrupção do Império, estabeleceram sobre as ruínas deste o seu poder. Conversos, porém, à religião dos vencidos, o Cristianismo continuava, desde o IV até ao VII século, procurando manter a sua pureza evangélica. E os antístites, recuos do espírito aventureiro, fogoso e arrebatado dos bárbaros vencedores, já mais conferiam ordens, para não tirarem à religião nova o seu espírito primitivo de paz e de mansidão.

No século VII, porém, tudo mudou, e do Cristianismo primitivo ficou apenas uma memória cheia de saudades, como um fugaz sonho cor-de-rosa que se dissipou com o despertar.

Os bárbaros admitidos ao ministério eclesiástico trouxeram para a Igreja o seu espírito sanguinário, pífido, voluptuoso, e a Igreja, perdida a singeleza da fé e a harmonia mística dos costumes, lançou-se dum lado nas argúcias guindadas da metafísica mais abstrusa, e do outro nas violências e na rapacidade, que os bárbaros sacerdotes cultivaram, enchendo a Europa de feudos clericais, e vestindo o arnez do guerreiro por cima da sotaina do padre.

Pode dizer-se que todo o sang que nos séculos posteriores a Igreja fez derramar, foi devido a esta mudança desastrosa. A cruz e a espada aliam-se. O Cristo velou o rosto ao ver as consequências nefastas do seu apostolado, e a humanidade estremeceu de pavor.

Foi então — cumpre dizê-lo — que as heresias romperam com mais violência, talvez como um protesto contra a corrupção do primitivo espírito democrático do Cristianismo de que Pio IX nos falava ainda com saudades em 1848, antes de nos aparecer aos olhos espantados como o primeiro defensor... teórico e prático do despotismo.

Assim, o século VII vê elevar-se a heresia dos monoteístas; no século VIII surge o velho paganismo, indignados com os usos pagãos assimilados pela Igreja de Roma; no século IX levanta-se o scisma entre a Igreja grega e a Igreja latina; o século X assiste a um movimento de repressão ao velho paganismo que parecia ter morrido com Juliano, o Apostata; o século XI vê levantarem-se os herárgios contra a inovação romanista da doutrina da Transubstanciação; o século XII vê levantarem-se os albigenses; o século XIII vê levantarem-se os pastores, em 1241, tendo por chefe Jacob, em 1259 vê levantarem-se os flagelantes, último termo da loucura da cruz; em 1279 os apóstólicos, que tinham por chefe Segarello e que seguiam no rasto dos flagelantes; no século XIV levanta-se João Wiclef, que nega a hierarquia sacerdotal e por conseguinte a supremacia papal, nega o valor da confissão e da liberdade moral do homem, subordinando tudo ao determinismo, em oposição dum lado ao livre-arbítrio e doutro lado ao providencialismo.

No século VII, porém, tudo mudou, e do Cristianismo primitivo ficou apenas uma memória cheia de saudades, como um fugaz sonho cor-de-rosa que se dissipou com o despertar.

Os bárbaros admitidos ao ministério eclesiástico trouxeram para a Igreja o seu espírito sanguinário, pífido, voluptuoso, e a Igreja, perdida a singeleza da fé e a harmonia mística dos costumes, lançou-se dum lado nas argúcias guindadas da metafísica mais abstrusa, e do outro nas violências e na rapacidade, que os bárbaros sacerdotes cultivaram, enchendo a Europa de feudos clericais, e vestindo o arnez do guerreiro por cima da sotaina do padre.

Pode dizer-se que todo o sang que nos séculos posteriores a Igreja fez derramar, foi devido a esta mudança desastrosa. A cruz e a espada aliam-se. O Cristo velou o rosto ao ver as consequências nefastas do seu apostolado, e a humanidade estremeceu de pavor.

Foi então — cumpre dizê-lo — que as heresias romperam com mais violência, talvez como um protesto contra a corrupção do primitivo espírito democrático do Cristianismo de que Pio IX nos falava ainda com saudades em 1848, antes de nos aparecer aos olhos espantados como o primeiro defensor... teórico e prático do despotismo.

Assim, o século VII vê elevar-se a heresia dos monoteístas; no século VIII surge o velho paganismo, indignados com os usos pagãos assimilados pela Igreja de Roma; no século IX levanta-se o scisma entre a Igreja grega e a Igreja latina; o século X assiste a um movimento de repressão ao velho paganismo que parecia ter morrido com Juliano, o Apostata; o século XI vê levantarem-se os herárgios contra a inovação romanista da doutrina da Transubstanciação; o século XII vê levantarem-se os albigenses; o século XIII vê levantarem-se os pastores, em 1241, tendo por chefe Jacob, em 1259 vê levantarem-se os flagelantes, último termo da loucura da cruz; em 1279 os apóstólicos, que tinham por chefe Segarello e que seguiam no rasto dos flagelantes; no século XIV levanta-se João Wiclef, que nega a hierarquia sacerdotal e por conseguinte a supremacia papal, nega o valor da confissão e da liberdade moral do homem, subordinando tudo ao determinismo, em oposição dum lado ao livre-arbítrio e doutro lado ao providencialismo.

Foi então — cumpre dizê-lo — que as heresias romperam com mais violência, talvez como um protesto contra a corrupção do primitivo espírito democrático do Cristianismo de que Pio IX nos falava ainda com saudades em 1848, antes de nos aparecer aos olhos espantados como o primeiro defensor... teórico e prático do despotismo.

Assim, o século VII vê elevar-se a heresia dos monoteístas; no século VIII surge o velho paganismo, indignados com os usos pagãos assimilados pela Igreja de Roma; no século IX levanta-se o scisma entre a Igreja grega e a Igreja latina; o século X assiste a um movimento de repressão ao velho paganismo que parecia ter morrido com Juliano, o Apostata; o século XI vê levantarem-se os herárgios contra a inovação romanista da doutrina da Transubstanciação; o século XII vê levantarem-se os albigenses; o século XIII vê levantarem-se os pastores, em 1241, tendo por chefe Jacob, em 1259 vê levantarem-se os flagelantes, último termo da loucura da cruz; em 1279 os apóstólicos, que tinham por chefe Segarello e que seguiam no rasto dos flagelantes; no século XIV levanta-se João Wiclef, que nega a hierarquia sacerdotal e por conseguinte a supremacia papal, nega o valor da confissão e da liberdade moral do homem, subordinando tudo ao determinismo, em oposição dum lado ao livre-arbítrio e doutro lado ao providencialismo.

Foi então — cumpre dizê-lo — que as heresias romperam com mais violência, talvez como um protesto contra a corrupção do primitivo espírito democrático do Cristianismo de que Pio IX nos falava ainda com saudades em 1848, antes de nos aparecer aos olhos espantados como o primeiro defensor... teórico e prático do despotismo.

Assim, o século VII vê elevar-se a heresia dos monoteístas; no século VIII surge o velho paganismo, indignados com os usos pagãos assimilados pela Igreja de Roma; no século IX levanta-se o scisma entre a Igreja grega e a Igreja latina; o século X assiste a um movimento de repressão ao velho paganismo que parecia ter morrido com Juliano, o Apostata; o século XI vê levantarem-se os herárgios contra a inovação romanista da doutrina da Transubstanciação; o século XII vê levantarem-se os albigenses; o século XIII vê levantarem-se os pastores, em 1241, tendo por chefe Jacob, em 1259 vê levantarem-se os flagelantes, último termo da loucura da cruz; em 1279 os apóstólicos, que tinham por chefe Segarello e que seguiam no rasto dos flagelantes; no século XIV levanta-se João Wiclef, que nega a hierarquia sacerdotal e por conseguinte a supremacia papal, nega o valor da confissão e da liberdade moral do homem, subordinando tudo ao determinismo, em oposição dum lado ao livre-arbítrio e doutro lado ao providencialismo.

Foi então — cumpre dizê-lo — que as heresias romperam com mais violência, talvez como um protesto contra a corrupção do primitivo espírito democrático do Cristianismo de que Pio IX nos falava ainda com saudades em 1848, antes de nos aparecer aos olhos espantados como o primeiro defensor... teórico e prático do despotismo.

Assim, o século VII vê elevar-se a heresia dos monoteístas; no século VIII surge o velho paganismo, indignados com os usos pagãos assimilados pela Igreja de Roma; no século IX levanta-se o scisma entre a Igreja grega e a Igreja latina; o século X assiste a um movimento de repressão ao velho paganismo que parecia ter morrido com Juliano, o Apostata; o século XI vê levantarem-se os herárgios contra a inovação romanista da doutrina da Transubstanciação; o século XII vê levantarem-se os albigenses; o século XIII vê levantarem-se os pastores, em 1241, tendo por chefe Jacob, em 1259 vê levantarem-se os flagelantes, último termo da loucura da cruz; em 1279 os apóstólicos, que tinham por chefe Segarello e que seguiam no rasto dos flagelantes; no século XIV levanta-se João Wiclef, que nega a hierarquia sacerdotal e por conseguinte a supremacia papal, nega o valor da confissão e da liberdade moral do homem, subordinando tudo ao determinismo, em oposição dum lado ao livre-arbítrio e doutro lado ao providencialismo.

Foi então — cumpre dizê-lo — que as heresias romperam com mais violência, talvez como um protesto contra a corrupção do primitivo espírito democrático do Cristianismo de que Pio IX nos falava ainda com saudades em 1848, antes de nos aparecer aos olhos espantados como o primeiro defensor... teórico e prático do despotismo.

Assim, o século VII vê elevar-se a heresia dos monoteístas; no século VIII surge o velho paganismo, indignados com os usos pagãos assimilados pela Igreja de Roma; no século IX levanta-se o scisma entre a Igreja grega e a Igreja latina; o século X assiste a um movimento de repressão ao velho paganismo que parecia ter morrido com Juliano, o Apostata; o século XI vê levantarem-se os herárgios contra a inovação romanista da doutrina da Transubstanciação; o século XII vê levantarem-se os albigenses; o século XIII vê levantarem-se os pastores, em 1241, tendo por chefe Jacob, em 1259 vê levantarem-se os flagelantes, último termo da loucura da cruz; em 1279 os apóstólicos, que tinham por chefe Segarello e que seguiam no rasto dos flagelantes; no século XIV levanta-se João Wiclef, que nega a hierarquia sacerdotal e por conseguinte a supremacia papal, nega o valor da confissão e da liberdade moral do homem, subordinando tudo ao determinismo, em oposição dum lado ao livre-arbítrio e doutro lado ao providencialismo.

Foi então — cumpre dizê-lo — que as heresias romperam com mais violência, talvez como um protesto contra a corrupção do primitivo espírito democrático do Cristianismo de que Pio IX nos falava ainda com saudades em 1848, antes de nos aparecer aos olhos espantados como o primeiro defensor... teórico e prático do despotismo.

Assim, o século VII vê elevar-se a heresia dos monoteístas; no século VIII surge o velho paganismo, indignados com os usos pagãos assimilados pela Igreja de Roma; no século IX levanta-se o scisma entre a Igreja grega e a Igreja latina; o século X assiste a um movimento de repressão ao velho paganismo que parecia ter morrido com Juliano, o Apostata; o século XI vê levantarem-se os herárgios contra a inovação romanista da doutrina da Transubstanciação; o século XII vê levantarem-se os albigenses; o século XIII vê levantarem-se os pastores, em 1241, tendo por chefe Jacob, em 1259 vê levantarem-se os flagelantes, último termo da loucura da cruz; em 1279 os apóstólicos, que tinham por chefe Segarello e que seguiam no rasto dos flagelantes; no século XIV levanta-se João Wiclef, que nega a hierarquia sacerdotal e por conseguinte a supremacia papal, nega o valor da confissão e da liberdade moral do homem, subordinando tudo ao determinismo, em oposição dum lado ao livre-arbítrio e doutro lado ao providencialismo.

Foi então — cumpre dizê-lo — que as heresias romperam com mais violência, talvez como um protesto contra a corrupção do primitivo espírito democrático do Cristianismo de que Pio IX nos falava ainda com saudades em 1848, antes de nos aparecer aos olhos espantados como o primeiro defensor... teórico e prático do despotismo.

Assim, o século VII vê elevar-se a heresia dos monoteístas; no século VIII surge o velho paganismo, indignados com os usos pagãos assimilados pela Igreja de Roma; no século IX levanta-se o scisma entre a Igreja grega e a Igreja latina; o século X assiste a um movimento de repressão ao velho paganismo que parecia ter morrido com Juliano, o Apostata; o século XI vê levantarem-se os herárgios contra a inovação romanista da doutrina da Transubstanciação; o século XII vê levantarem-se os albigenses; o século XIII vê levantarem-se os pastores, em 1241, tendo por chefe Jacob, em 1259 vê levantarem-se os flagelantes, último termo da loucura da cruz; em 1279 os apóstólicos, que tinham por chefe Segarello e que seguiam no rasto dos flagelantes; no século XIV levanta-se João Wiclef, que nega a hierarquia sacerdotal e por conseguinte a supremacia papal, nega o valor da confissão e da liberdade moral do homem, subordinando tudo ao determinismo, em oposição dum lado ao livre-arbítrio e doutro lado ao providencialismo.

Foi então — cumpre dizê-lo — que as heresias romperam com mais violência, talvez como um protesto contra a corrupção do primitivo espírito democrático do Cristianismo de que Pio IX nos falava ainda com saudades em 1848, antes de nos aparecer aos olhos espantados como o primeiro defensor... teórico e prático do despotismo.

Assim, o século VII vê elevar-se a heresia dos monoteístas; no século VIII surge o velho paganismo, indignados com os usos pagãos assimilados pela Igreja de Roma; no século IX levanta-se o scisma entre a Igreja grega e a Igreja latina; o século X assiste a um movimento de repressão ao velho paganismo que parecia ter morrido com Juliano, o Apostata; o século XI vê levantarem-se os herárgios contra a inovação romanista da doutrina da Transubstanciação; o século XII vê levantarem-se os albigenses; o século XIII vê levantarem-se os pastores, em 1241, tendo por chefe Jacob, em 1259 vê levantarem-se os flagelantes, último termo da loucura da cruz; em 1279 os apóstólicos, que tinham por chefe Segarello e que seguiam no rasto dos flagelantes; no século XIV levanta-se João Wiclef, que nega a hierarquia sacerdotal e por conseguinte a supremacia papal, nega o valor da confissão e da liberdade moral do homem, subordinando tudo ao determinismo, em oposição dum lado ao livre-arbítrio e doutro lado ao providencialismo.

Foi então — cumpre dizê-lo — que as heresias romperam com mais violência, talvez como um protesto contra a corrupção do primitivo espírito democrático do Cristianismo de que Pio IX nos falava ainda com saudades em 1848, antes de nos aparecer aos olhos espantados como o primeiro defensor... teórico e prático do despotismo.

Assim, o século VII vê elevar-se a heresia dos monoteístas; no século VIII surge o velho paganismo, indignados com os usos pagãos assimilados pela Igreja de Roma; no século IX levanta-se o scisma entre a Igreja grega e a Igreja latina; o século X assiste a um movimento de repressão ao velho paganismo que parecia ter morrido com Juliano, o Apostata; o século XI vê levantarem-se os herárgios contra a inovação romanista da doutrina da Transubstanciação; o século XII vê levantarem-se os albigenses; o século XIII vê levantarem-se os pastores, em 1241, tendo por chefe Jacob, em 1259 vê levantarem-se os flagelantes, último termo da loucura da cruz; em 1279 os apóstólicos, que tinham por chefe Segarello e que seguiam no rasto dos flagelantes; no século XIV levanta-se João Wiclef, que nega a hierarquia sacerdotal e por conseguinte a supremacia papal, nega o valor da confissão e da liberdade moral do homem, subordinando tudo ao determinismo, em oposição dum lado ao livre-arbítrio e doutro lado ao providencialismo.

Foi então — cumpre dizê-lo — que as heresias romperam com mais violência, talvez como um protesto contra a corrupção do primitivo espírito democrático do Cristianismo de que Pio IX nos falava ainda com saudades em 1848, antes de nos aparecer aos olhos espantados como o primeiro defensor... teórico e prático do despotismo.

Assim, o século VII vê elevar-se a heresia dos monoteístas; no século VIII surge o velho paganismo, indignados com os usos pagãos assimilados pela Igreja de Roma; no século IX levanta-se o scisma entre a Igreja grega e a Igreja latina; o século X assiste a um movimento de repressão ao velho paganismo que parecia ter morrido com Juliano, o Apostata; o século XI vê levantarem-se os herárgios contra a inovação romanista da doutrina da Transubstanciação; o século XII vê levantarem-se os albigenses; o século XIII vê levantarem-se os pastores, em 1241, tendo por chefe Jacob, em 1259 vê levantarem-se os flagelantes, último termo da loucura da cruz; em 1279 os apóstólicos, que tinham por chefe Segarello e que seguiam no rasto dos flagelantes; no século XIV levanta-se João Wiclef, que nega a hierarquia sacerdotal e por conseguinte a supremacia papal, nega o valor da confissão e da liberdade moral do homem, subordinando tudo ao determinismo, em oposição dum lado ao livre-arbítrio e doutro lado ao providencialismo.

Foi então — cumpre dizê-lo — que as heresias romperam com mais violência, talvez como um protesto contra a corrupção do primitivo espírito democrático do Cristianismo de que Pio IX nos falava ainda com saudades em 1848, antes de nos aparecer aos olhos espantados como o primeiro defensor... teórico e prático do despotismo.

Assim, o século VII vê elevar-se a heresia dos monoteístas; no século VIII surge o velho paganismo, indignados com os usos pagãos assimilados pela Igreja de Roma; no século IX levanta-se o scisma entre a Igreja grega e a Igreja latina; o século X assiste a um movimento de repressão ao velho paganismo que parecia ter morrido com Juliano, o Apostata; o século XI vê levantarem-se os herárgios contra a inovação romanista da doutrina da Transubstanciação; o século XII vê levantarem-se os albigenses; o século XIII vê levantarem-se os pastores, em 1241, tendo por chefe Jacob, em 1259 vê levantarem-se os flagelantes, último termo da loucura da cruz; em 1279 os apóstólicos, que tinham por chefe Segarello e que seguiam no rasto dos flagelantes; no século XIV levanta-se João Wiclef, que nega a hierarquia sacerdotal e por conseguinte a supremacia papal, nega o valor da confissão e da liberdade moral do homem, subordinando tudo ao determinismo, em oposição dum lado ao livre-arbítrio e doutro lado ao providencialismo.

Foi então — cumpre dizê-lo — que as heresias romperam com mais violência, talvez como um protesto contra a corrupção do primitivo espírito democrático do Cristianismo de que Pio IX nos falava ainda com saudades em 1848, antes de nos aparecer aos olhos espantados como o primeiro defensor... teórico e prático do despotismo.

Assim, o século VII vê elevar-se a heresia dos monoteístas; no século VIII surge o velho paganismo, indignados com os usos pagãos assimilados pela Igreja de Roma; no século IX levanta-se o scisma entre a Igreja grega e a Igreja latina; o século X assiste a um movimento de repressão ao velho paganismo que parecia ter morrido com Juliano, o Apostata; o século XI vê levantarem-se os herárgios contra a inovação romanista da doutrina da Transubstanciação; o século XII vê levantarem-se os albigenses; o século XIII vê levantarem-se os pastores, em 1241, tendo por chefe Jacob, em 1259 vê levantarem-se os flagelantes, último termo da loucura da cruz; em 1279 os apóstólicos, que tinham por chefe Segarello e que seguiam no rasto dos flagelantes; no século XIV levanta-se João Wiclef, que nega a hierarquia sacerdotal e por conseguinte a supremacia papal, nega o valor da confissão e da liberdade moral do homem, subordinando tudo ao determinismo, em oposição dum lado ao livre-arbítrio e doutro lado ao providencialismo.

Foi então — cumpre dizê-lo — que as heresias romperam com mais violência, talvez como um protesto contra a corrupção do primitivo espírito democrático do Cristianismo de que Pio IX nos falava ainda com saudades em 1848, antes de nos aparecer aos olhos espantados como o primeiro defensor... teórico e prático do despotismo.

Assim, o século VII vê elevar-se a heresia dos monoteístas; no século VIII surge o velho paganismo, indignados com os usos pagãos assimilados pela Igreja de Roma; no século IX levanta-se o scisma entre a Igreja grega e a Igreja latina; o século X assiste a um movimento de repressão ao velho paganismo que parecia ter morrido com Juliano, o Apostata; o século XI vê levantarem-se os herárgios contra a inovação romanista da doutrina da Transubstanciação; o século XII vê levantarem-se os albigenses; o século XIII vê levantarem-se os pastores, em 1241, tendo por chefe Jacob, em 1259 vê levantarem-se os flagelantes, último termo da loucura da cruz; em 1279 os apóstólicos, que tinham por chefe Segarello e que seguiam no rasto dos flagelantes; no século XIV levanta-se João Wiclef, que nega a hierarquia sacerdotal e por conseguinte a supremacia papal, nega o valor da confissão e da liberdade moral do homem, subordinando tudo ao determinismo, em oposição dum lado ao livre-arbítrio e doutro lado ao providencialismo.

Foi então — cumpre dizê-lo — que as heresias romperam com mais violência, talvez como um protesto contra a corrupção do primitivo espírito democrático do Cristianismo de que Pio IX nos falava ainda com saudades em 1848, antes de nos aparecer aos olhos espantados como o primeiro defensor... teórico e prático do despotismo.

A POLÍTICA BURGUESA

Um grande senhor confirma Hamon

PARIS, 5. — O sr. Filipe Berthelot, secretário geral do ministério dos Estrangeiros, enviou uma carta ao «Journal de Genève», desmentindo que haja qualquer divergência entre si e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Briand, afirmando, pelo contrário, a sua plena unidade de vistas no que respeita à política fundada sobre uma estreita união com a Inglaterra e sobre uma aproximação com a Alemanha. — H.

A última guerra foi apenas um sonho

PARIS, 5. — O sr. Briand, em entrevista publicada na revista «Diehellen» diz que a Alemanha e a França estão empenhadas em conseguir um entendimento leal. Stresemann, em artigo na mesma revista, afirma que a aproximação franco-germânica é a preocupação constante de todos os bons franceses e de todos os bons alemães. — L.

Os bálticos são já amigos dos soviéticos

REVAL, 5. — Na conferência realizada nesta cidade, entre os ministros dos Negócios Estrangeiros da Letónia, Estónia e Finlândia, foi deliberado reatar negociações por um pacto de garantia a concluir com a Rússia, evitando-se a infracção de qualquer clausula do pacto da Sociedade das Nações. Foi ainda decidida a criação dum bloco báltico, com a possível inclusão dos estados escandinavos, para defesa dos interesses comuns a todos os países neles agrupados dentro da Sociedade das Nações. — L.

EM VIEIRA DE LEIRIA

Revoltante violência

VIEIRA DE LEIRIA, 3. — Um prupo composto pelos srs. Francisco Tomé Feteira, Albano Tomé Feteira, António dos Santos e António Natário, este último regedor, acaba de praticar uma violência revoltante. Nós contámos: é que se teve em volta da construção do edifício escolar, uma complicada teia de reacção, tendente a fazer com que não fosse construído.

Então surgiu esta camarilha, tendo à frente o serafico carola sr. padre Mateus, arguto, sabido e venenoso.

Atacam então «a outrance» o sr. Abílio Quadros, na folheta ultramaritana que tem o título de «Mensageiro Católico».

Contudo nem mesmo assim, conseguiram vencer a argumentação de Abílio Quadros. Impotentes para o fazerem calar, começaram de a ameaçar. Mas, mesmo assim, ele não arripiou caminho.

E cheio de justiça, pelejando pela verdade, ia-os laicizando fortemente em panfletos e artigos.

Os homens perdiam terreno e padre Lacerda tinha exgotado a sua retórica.

Então o bando, no passado domingo e pela calada da noite, assaltaram Abílio Quadros, apossando